

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ALGUMAS OBRAS DO PINTOR DE ARTE PROFESSOR ABEL CARDOSO.**

(sem indicação de autor)

Ano: 1969 | Número: 79

---

### **Como citar este documento:**

(sem indicação de autor), Exposição retrospectiva de algumas obras do pintor de arte Professor Abel Cardoso. *Revista de Guimarães*, 79 (3-4) Jul.-Dez. 1969, p. 279-290.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Exposição retrospectiva de algumas obras do Pintor de Arte Professor Abel Cardozo

---

Conforme tinha sido largamente anunciado na imprensa, foi inaugurada em 2 de Agosto a Exposição de Arte do falecido Pintor vimaranense Abel Cardozo, promovida pela Comissão das Festas da Cidade de Guimarães, à qual a Sociedade Martins Sarmento deu a sua colaboração, cedendo para o efeito uma das suas melhores salas e ajudando quanto pôde os organizadores dessa Exposição, levada a cabo em merecida homenagem a um grande Artista da nossa terra.

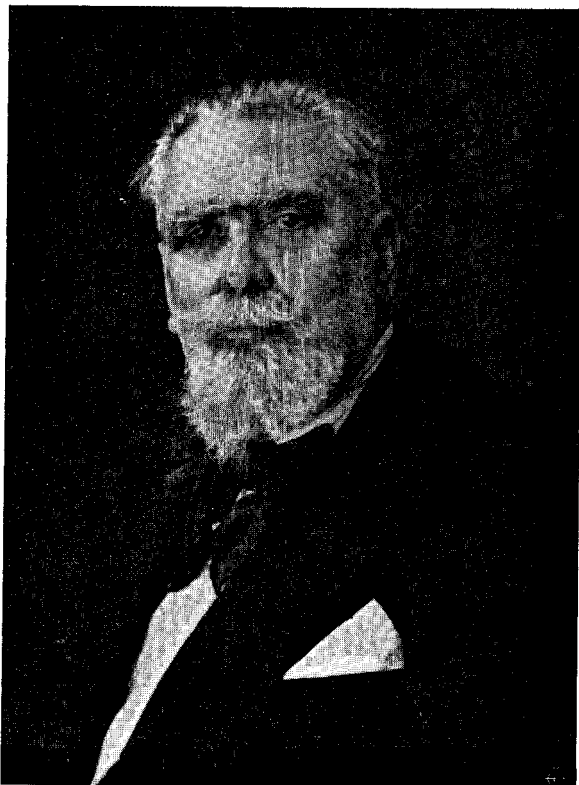
Foi um acto cultural a que a imprensa deu justo relevo, especialmente o semanário local «Notícias de Guimarães», cujo Director, Sr. Antonino Dias Pinto de Castro, Presidente da Comissão Executiva das Festas, foi o principal animador da realização desta homenagem póstuma, que Guimarães ainda devia a um dos seus filhos mais ilustres.

A introdução desse acto de cultura artística num programa de festas populares, que no Minho geralmente se limitam a «fogo de vistas» e a música de filarmónicas de aldeia, é um acto de bom senso, de inteligência e de educação, que, junto a outros de carácter histórico e etno-

gráfico igualmente incluídos no magnífico programa das tradicionais Festas Gualterianas, demonstra a competência de quem no ano corrente as soube orientar e levar a bom termo com indiscutível brilhantismo.

A Exposição de Abel Cardozo abriu logo no primeiro dos três dias das festas da Cidade e conservou-se patente ao público durante vinte dias, tendo sido entregue a sua organização a uma subcomissão constituída por quatro homens novos, cultos e activos, cheios de interesse e de entusiasmo pelo êxito da missão de que se haviam incumbido. Foram eles os Senhores Dr. João Afonso de Almeida Carneiro, médico-veterinário municipal, Dr. Joaquim António Saraiva de Almeida Coelho, professor e conservador do Palácio Nacional dos Duques de Bragança, Eng.º José Maria Gomes Alves, director-delegado dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Guimarães, e Óscar Avelino Pires, industrial. Todos trabalharam com afã e boa vontade, encontrando apenas a principal dificuldade em descobrir onde se encontrava a grande maioria dos quadros do Artista, dispersos por muitos coleccionadores de Arte, hoje ignorados, que haviam adquirido quadros do Pintor vimaranense nas exposições por ele realizadas na década de 1923 a 33, especialmente no Porto e em Lisboa. Contudo, não foram totalmente baldados os esforços para localizar algumas das principais obras do Artista, conseguindo-se ainda reunir, entre paisagens, retratos e outros assuntos, 68 quadros, que os seus possuidores emprestaram da melhor vontade para figurarem na Exposição.

Precedendo a abertura ao público, teve lugar no salão nobre da Sociedade Martins Sarmiento, pelas 17,30 horas uma sessão inaugural, à qual presidiu o Sr. Governador Civil do Distrito de Braga, Comendador António Maria Santos da Cunha, ladeado pelo Presidente da Câmara Municipal de Guimarães Dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu, pelo Presidente da Comissão Executiva das Festas da Cidade, Antonino Dias Pinto de Castro, pelo Dr. João Afonso de Almeida Carneiro, Presidente da Comissão organizadora da Exposição e



*Abel Candogo*

(1877 † 1964)

pelo Presidente da Sociedade Martins Sarmento, Coronel Mário Cardozo.

Iniciada a sessão foi concedida a palavra ao Presidente da comissão encarregada da organização da Exposição, Dr. João Carneiro, que disse o seguinte:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Civil,  
Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Câmara,  
Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmento,  
Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Comissão das Festas da Cidade,  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Para V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Governador Civil, vão as nossas primeiras palavras, de respeitosa saudação pela gentileza com que se dignou prontamente aceitar o convite para presidir a esta cerimónia, emprestando solenidade a este acto de justa consagração a um vimaranense ilustre, a quem muito oportunamente a Comissão das Festas da Cidade quis prestar homenagem.

Os nossos agradecimentos.

Sabemos, Sr. Presidente da Câmara, vimaranense como nós, quanto lhe são caras estas manifestações de gratidão para com aqueles que bem souberam tornar maior a nossa querida terra. E afirmámo-lo porque V. Ex.<sup>a</sup> sempre esteve connosco no sentimento e na acção, prestando-nos o seu valioso apoio, razão por que lhe manifestamos o nosso reconhecimento.

Quis a Comissão das Festas da Cidade, incluir no seu programa um número de feição nitidamente cultural, homenageando uma figura que de algum modo tivesse contribuído para o engrandecimento e prestígio desta terra. Recaiu a sua escolha, e muito bem, em Abel Cardozo, artista pintor, homem de bem e simples, a quem a cidade ficou a dever uma obra que merece inteiramente a nossa admiração.

Assim aceitámos com prazer a incumbência de organizar uma exposição retrospectiva das obras dispersas do Artista, na certeza de que ela constituiria um acto de justiça e de gratidão.

Confirmam-no as numerosas provas de apoio que de todos os lados nos chegaram, quer de pessoas e instituições a quem solicitámos as suas obras, quer daquelas outras que espontaneamente no-las ofereceram.

Sabíamos de antemão que a tarefa não seria fácil, mas sabíamos também que o estímulo haveria de superar todas as dificuldades. E não foi na verdade tarefa fácil. Ajudou-nos a preciosa colaboração da Direcção da Sociedade Martins Sarmento, cedendo-nos amavelmente um salão digno para uma exposição deste carácter, e muito

principalmente a acção desenvolvida pelo seu ilustre Presidente, cujo dinamismo e sempre criterioso conselho pôs ao serviço da Exposição, e com ele nos animou. Com a nossa admiração e o maior respeito vão para V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Coronel Mário Cardozo, os nossos agradecimentos.

Não foi por certo completa em obras do Artista esta Exposição, não obstante cremos que representa, e essa foi nossa essencial preocupação, a arte de Abel Cardozo nos seus vários aspectos e modalidades e nas várias fases da vida do Pintor.

A todos aqueles que de qualquer modo contribuíram para a realização desta homenagem queremos agradecer, e entre esses merecem menção especial a Imprensa, pelo realce que lhe deu; ao ilustre Pintor de Arte Carlos Carneiro, que se prontificou a dissertar nesta sessão sobre a figura e obra de Abel Cardozo; e bem assim ao Sr. Dr. Sant' Anna Dionísio, que se dignou prefaciá-lo o Catálogo desta Exposição, que ficará para muitos como grata recordação de um artista amigo que em vida puderam admirar, e para outros como lição preciosa de um mestre cuja obra constitui motivo de orgulho para a terra onde nasceu.

Falou em seguida o Sr. Presidente da Câmara para apresentar as suas saudações ao Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil e congratular-se com esta manifestação de Cultura, que tanto enobrecia a terra a cuja Câmara Municipal lhe fora dada a honra de presidir. Tendo os municípios, entre os seus diversos pelouros, como um dos mais importantes o dos Serviços culturais, não era de estranhar que fôsse especialmente grata ao seu espírito esta resolução da Comissão das Festas da Cidade, de incluir uma invulgar manifestação de Arte no programa dessas festas que tanto prestigiam a Cidade, e que a Câmara gostosamente patrocina. Felicitava por isso a referida Comissão ali representada pelo Sr. Antonino Dias Pinto de Castro e a Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, que para o êxito desta Exposição tanto havia também contribuído por seu turno. Dirigiu depois palavras de muito apreço e louvor à Comissão organizadora da Exposição e por fim ao ilustre Pintor de Arte Sr. Carlos Carneiro, incumbido de fazer o elogio da obra do seu falecido colega Abel Cardozo.

Foi então concedida a palavra ao Pintor Carlos Carneiro, que pronunciou, a propósito de Abel Cardozo, uma pequena mas comovida oração, cheia de sentimento e de

fraterna camaradagem de um Pintor de hoje pela obra de outro Pintor mais antigo que, como ele, nascera com «essa maravilhosa fatalidade de ser Artista!».

«Excelentíssimo Senhor Governador Civil,  
Ex.<sup>mo</sup> Senhor Coronel Mário Cardozo, ilustre irmão  
do Pintor a quem presto a minha homenagem,  
Minhas Senhoras, meus Senhores:

É a primeira vez que falo em público!

Agradeço a extrema gentileza de quererem que seja eu a dizer algumas palavras sobre essa nobre figura que foi o Pintor Abel Cardozo. Não me recusei por duas razões fundamentais: o amor que tenho por esta terra e o respeito que guardo por essa figura que tanto amou a sua Guimarães.

Conheci-o em 1931, quando tendo deixado, a seu pedido, a direcção da Escola Industrial aqui vim com o meu querido António de Azevedo assistir à posse do lugar que Abel Cardozo deixava, para partir para Lisboa. Logo a sua figura me impressionou muito; um Homem enorme, forte, atlético, com uma barba moira, um olhar luminoso e um sorriso que nos entrava logo no coração. Recordo-o como se fosse hoje, — o seu chapéu negro de abas largas, a sua gravata romântica, à Lavalère, hábito que guardava dos seus tempos de Paris, e a sua pele rosada e fresca como a dos meninos... Uma boca carnuda, rósea, e uma simplicidade extrema, essa rudeza feita de pureza dos homens autênticos! Tinha ele um pequeno atelier numa estreita rua desta medieval Guimarães, e a sua pintura resplandece de ternura por estas vinhas, estes montes, estes campos, esta luz que o viu nascer. Pintor lírico, esse lirismo lusiada de que dificilmente nos desprendemos, realidade poética que para mim é a maior das realidades, porque viver a sonhar é a mais autêntica das vidas, ele sonhava e creio bem que morreu em pleno sonho!

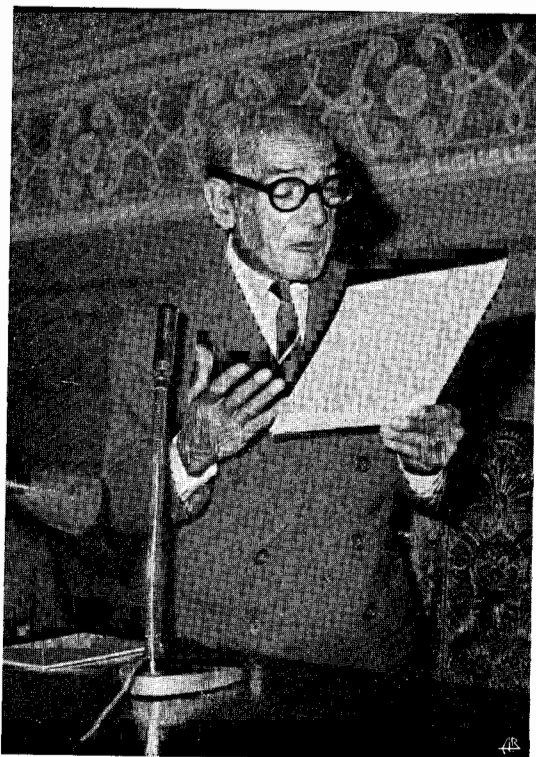
Recordo-me que já em Lisboa, uma vez, sabendo, não sei como, que eu tinha oferecido os meus serviços

na Aviação Militar num momento em que a sombra dum conflito nos tocou, ele me escreveu veementes palavras de entusiasmo e de respeito pelo meu gesto, gesto sem cálculo, levado também por essa marca a fogo que todos nós trazemos... a de sermos portugueses!

Encontrei-o então mais tarde, anos depois, com a sua barba toda branca mas com o mesmo sorriso, os mesmos olhos e a mesma pele de criança e com aquela doçura que tanto me tinha tocado quando o vira pela primeira vez. O homem de Guimarães, o homem preso à terra onde nasceu e onde viveu sempre, mesmo quando andou por Paris e pelo Brasil.

Abel Cardozo foi um romântico, viveu uma época em que o sonho era bem maior que hoje, em que o sentido poético existia mais vivo, sobrepondo-se a esta esplêndida realidade actual das conquistas fabulosas do espaço. Eu, gostaria bem mais de ter vivido os anos que ele viveu! A vida materializou-se, o sonho destrói-se... não se usa, está *ultrapassado*, como agora se diz a propósito de tanta coisa,... viveu essa época admirável do fim do século; parte para Paris em 1896 com 19 anos, sendo tocado pela graça ímpar do Impressionismo, único movimento novo na pintura de todos os tempos, expressão tão grande e tão poderosa que seduziu inevitavelmente todos os Grandes! Viveu o Paris dessa época, o Paris de Montparnasse, de La Coupole e da Rotonde, viveu os melhores anos da sua juventude nessa cidade espantosa, a maior, a mais formosa e a mais misteriosa de todas as cidades do Mundo! Viveu e regressou, rico, milionário de todas as horas por lá vividas, refugiando-se em Guimarães com a sua pintura e os seus pensamentos intactos, nesta cidade onde um dia eu vim por uma dezena de dias e... fiquei cerca de três meses preso ao seu encanto e à simpatia das suas gentes.

Ainda há dias tive a satisfação de rever a sua pintura onde há notas deliciosas de simplicidade, — essa simplicidade tão difícil que raros atingem; Rodin, esse génio do fim do século, como Picasso é o génio actual, dizia: LA GRANDE DIFFICULTÉ ET LE COMBLE DE L'ART, C'EST DE DESSINER, DE PEINDRE, D'ÉCRIRE AVEC NATUREL ET



*O Pintor Carlos Carneiro pronunciando o elogio da obra do Pintor vimaranense Abel-Cardozo.*

SIMPLICITÉ. A pintura de Abel Cardozo é simples, simples como a sua figura enorme e pura.

«— Um elegíaco e um tímido que me desvenda inteiramente a sua alma. Pintor regionalista e um poeta apesar do seu vigor e da sua vida forte e saudável. Ama e pinta a província onde nasceu; às vezes... sonha-a!», como escreveu Raul Brandão, esse Grande que tive a felicidade de conhecer profundamente.

\*

Abel Cardozo nasceu em 1877 na freguesia da Oliveira, filho de Pintor, nasceu com essa maravilhosa fatalidade de ser Artista! Frequentou a Escola de Belas Artes do Porto, onde foi aluno desse grande professor que se chamou Marques de Oliveira. Terminado o seu curso parte para Paris, entra na Escola de Belas Artes onde foi discípulo de Gerôme; passa pela Academie Julien recebendo os conselhos de Benjamin Constant e Jean Paul-Laurens, e depois vai ao Brasil tentar vida, impossibilitado materialmente de continuar em Paris. Um ano depois regressa a Guimarães onde abre um curso de desenho e pintura. Em 1904 é professor provisório da Escola Industrial, passa à efectividade e é nomeado director.

Entre os anos 1900 e 1926 ensina desenho no Liceu Martins Sarmiento, transitando em 1931 para Lisboa onde continua o professorado na Escola Afonso Domingues até à sua aposentação em 1947. Mas... tinha de voltar à sua Guimarães, à sua terra natal, aos seus campos, aos seus montes e às suas vinhas, instalando-se na sua pequena casa de S. Martinho de Gondomar, à beira do Rio Ave, que pinta enternecidamente. Cansado duma vida fremente entra no Hospital da Misericórdia onde morre em 1964 com 87 anos.

Guimarães cumpre um dever enorme prestando esta homenagem a um dos seus Filhos, homenagem devida ao seu coração e ao seu talento.

Eu não sei falar, falta-me o *fôlego* para palestras extensas, que de resto iriam fatigar Vossas Excelências, e nada mais digo, porque... não sei. São uma dúzia de palavras singelas como aquelas que frequentemente escrevo no «Notícias de Guimarães», mais um Epistolário Sentimental. Vejam Vossas Ex.<sup>as</sup> agora a obra do Pintor, que lhes dirá tudo o que não lhes disse nesta conversa.»

Por fim o Presidente da Sociedade Martins Sarmento disse as seguintes palavras de agradecimento, pela preferência concedida àquela instituição para ali se realizar uma manifestação de Arte absolutamente integrada na tradicional missão da Colectividade que tem por lema promover o desenvolvimento da instrução e da educação populares. E ainda porque essa manifestação de cultura artística envolvia justa homenagem consagrada a um vimaranense que fora sócio honorário daquela instituição:

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Governador Civil,  
Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara Municipal,  
Minhas Senhoras e meus Senhores!

É com o maior prazer que temos hoje, mais uma vez, nesta Casa de Martins Sarmento a honrosa presença das supremas Autoridades Cíveis do Distrito e do Concelho — O Sr. Governador Civil de Braga e o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, ambos nossos consócios nesta Colectividade, ambos amigos desta veneranda instituição cultural que tão grande prestígio tem dado ao Concelho, ao Distrito e à própria Nação, pelos serviços que na sua já longa existência benemeritamente vem prestando à causa da instrução pública. São pois para V. Ex.<sup>as</sup>, em primeiro lugar, os cumprimentos e os agradecimentos da Direcção desta Sociedade, que eu aqui represento.

Por um natural decoro que nos impede de tecermos públicos louvores às qualidades daqueles a quem nos ligam laços de família, e que, por isso mesmo, os nossos elogios se tornam suspeitos de benevolência e de parcialidade — não me compete fazer quaisquer referências ao mérito do artista pintor Abel-Cardozo, vimaranense a cuja memória a Comissão das Festas desta Cidade presta hoje homenagem, inaugurando na Sociedade Martins Sarmento a Exposição póstuma de alguns dos seus quadros que foi possível reunir, por amável deferência dos seus possuidores.

Contudo, como presidente que sou da Direcção desta Colectividade, alguma coisa me é permitido e devo dizer, neste momento. Em primeiro lugar para agradecer à Comissão Executiva das Festas da Cidade a iniciativa que tomou da realização deste acto cultural,

em que se exalta a memória de um nosso conterrâneo, que todos concordam em considerar como tendo sido um cidadão honesto e prestável, um homem bom, simples e exemplar na sua conduta moral e social.

É também digna de todo o apreço a Subcomissão constituída pelos Senhores Drs. João Carneiro e Almeida Coelho, Eng.º Gomes Alves e Oscar Pires, aos quais foi acertadamente confiada a realização da Exposição, pelo grande trabalho que tiveram para a levar a cabo, e entusiasmo e boa vontade que nesse trabalho puzeram.

Ainda como presidente da Sociedade Martins Sarmento, desejo agradecer a escolha que fizeram desta Casa para aqui reunirem uma pequena parcela da obra artística do Pintor Abel-Cardozo pois também nesta manifestação de cultura se presta homenagem a esse homem que foi nosso consócio honorário e ao qual a Colectividade ficou devendo assinalados serviços, pela contribuição que ele deu ao enriquecimento da colecção de obras de Arte, aqui fundada em 1936.

A V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Carlos Carneiro, Artista ilustre que tão justamente pode honrar-se de ser filho do insigne Pintor António Carneiro, contemporâneo e amigo de Abel-Cardozo, desejo agradecer em meu nome pessoal e no dos filhos do Artista cuja exposição hoje fica aberta ao público, as palavras de sincero elogio que dirigiu à memória de um colega, que foi também sincero amigo e admirador da obra de V. Ex.<sup>a</sup>.

Para todos quantos se dignaram colaborar nesta homenagem póstuma, de consagração de um artista vimaranense, como igualmente para as pessoas que aqui se encontram e vieram assistir a esta inauguração, mostrando assim também o seu apreço pela obra do nosso consócio Abel-Cardozo e respeito pela sua memória, vai o agradecimento muito cordial da Direcção da Sociedade Martins Sarmento.

Encerrando a sessão o Presidente da Mesa, Ex.<sup>mo</sup> Senhor Governador Civil, dirigiu palavras de muita satisfação e louvor por aquela excelente iniciativa realizada numa instituição que tanto enaltecia a cidade de Guimarães e a que ele se honrava de pertencer, como um dos seus dedicados associados, e agradeceu a todos os presentes os cumprimentos que lhe haviam sido dirigidos, bem como a distinção que lhe fora concedida de presidir àquela sessão de homenagem a um artista vimaranense que ele conhecera e muito admirava.

Terminada a sessão dirigiram-se todos para a Sala da Exposição, que foi então aberta ao público e muito apreciada pelo valor das obras expostas e primorosa disposição com que estavam apresentadas.

Nessa ocasião foram distribuídos a todas as entidades convidadas para esta inauguração de Arte exemplares

de um magnífico catálogo das obras expostas, prefaciado pelo escritor Senhor Dr. Sant'Anna Dionísio, contendo reproduções de alguns quadros e umas breves notas biográficas do saudoso Artista, que julgamos útil aqui deixar transcritas:

ABEL-CARDOZO, de seu nome completo Abel de Vasconcellos Cardozo, nasceu em Guimarães, no prédio n.º 63 da Rua de Santa Maria, da freguesia da Oliveira, a 10 de Fevereiro de 1877,



*Sessão solene de homenagem ao Pintor Abel-Cardozo. O Senhor Governador Civil de Braga discursando, no encerramento da Sessão.*

filho de António Augusto da Silva Cardozo e de sua Mulher D. Margarida de Vasconcellos da Silva Cardozo. Faleceu na mesma cidade em 16 de Maio de 1964, sendo sepultado no Cemitério da Atouguia. Casara em Dezembro de 1914 com D. Maria da Agonia Passos da Silva Cardozo, que faleceu em Fevereiro de 1943, e de cujo matrimónio houve quatro filhos, três dos quais são vivos.

Seu pai era Pintor retratista e foi o primeiro professor de desenho da Escola Industrial criada em Guimarães em 1884. De seu pai recebeu Abel Cardozo as primeiras lições de desenho, e, quando aquele faleceu, em 1893, já Abel Cardozo frequentava a Escola de Belas Artes do Porto, onde foi discípulo de Marques de Oliveira, João Correia, Marques Guimarães e António Sardinha. Concluído naquela Escola o seu curso de Pintura, onde também frequentara os cursos de Escultura e de Arquitectura, partiu para



*Quatro aspectos da Exposição póstuma do Pintor vimeirense Abel-Cardozo.*



*O Senhor Governador Civil de Braga visitando a Exposição.*

Paris em 1896, apenas com 19 anos de idade, e ali foi admitido, mediante concurso, na École Nationale de Beaux-Arts onde foi discípulo de Gérôme, depois de um estágio na Académie Julien, tendo como mestres eminentes os consagrados Pintores Benjamin Constant e Paul Laurens. O ano de 1898 passou-o no Brasil, onde foi tentar a vida como artista, por falta de meios para poder continuar em Paris. Regressando do Brasil bastante doente, em Dezembro desse mesmo ano, fixou-se em Guimarães, sua terra natal, onde abriu um curso particular de desenho e pintura, e continuou trabalhando como retratista e paisagista.

Em 1904 foi admitido como professor provisório da Escola Industrial desta cidade, e em 1908 passou ao quadro efectivo da mesma Escola, da qual mais tarde foi Director durante 16 anos consecutivos. Também, entre os anos de 1900 e 1926, ocupou por várias vezes, como professor provisório, o lugar vago da Cadeira de Desenho do liceu de «Martins Sarmento», em Guimarães.

Em 1931 transitou, a seu pedido, para a Escola de «Afonso Domingues», em Lisboa, onde se conservou como professor até a sua aposentação, aos 70 anos, em 1947. Ainda durante alguns anos se manteve na capital, regressando depois ao seu inesquecido Minho, e passando os últimos anos da sua existência na pequena casa que possuía na aldeia de S. Martinho de Gondomar, próximo do Rio Ave, reproduzindo, em telazinhas admiráveis, pequenos recantos dessa encantadora região do Norte do país, que ele adorava, ribeiros de águas claras e mansas, milheirais e vinhedos verdejantes, colinas ensombradas de velhos robles e pinheiros, capelinhas brancas com seus adros, humildes casais rústicos de tão singela beleza.

Minado pela doença, apesar de ter sido um homem robusto, mas cansado por uma vida de trabalho incessante, teve em 1964, de procurar alívio e tratamento conveniente num quarto particular do Hospital da Misericórdia de Guimarães, aí falecendo dentro de breves dias com a propecta idade de 87 anos.

Durante o seu tempo de escolar conquistou vários prémios, sendo-lhe conferida 1.ª Menção Honrosa na Cadeira de Desenho Histórico da Escola de Belas Artes do Porto, e foi o primeiro classificado no concurso da mesma Escola ao Prémio pecuniário de Arquitectura Civil designado de «Soares dos Reis». Pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa foi também galardoado com uma Menção Honrosa e uma Medalha de Bronze.

Realizou várias Exposições das suas obras; em 1923, no Atrio da Misericórdia, do Porto; em 1924, em Lisboa, no Salão Bobone; em 1925, novamente no Porto; em 1926, na Sociedade Martins Sarmento; e em 1932, na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. Foi essa a década da sua mais exuberante produção artística, durante a qual se impôs como um dos maiores paisagistas da sua geração. Deixou numerosas obras suas, adquiridas por coleccionadores de Arte, e existem quadros seus no Museu Malhoa, das Caldas da Rainha, no Museu Municipal da Figueira da Foz, no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, e no Museu de Arte Contemporânea, de Lisboa. Foi também o autor das decorações figurativas, de pintura a fresco, da sumptuosa fachada, de estilo romano-bizantino, do edificio da sede da Socie-

dade Martins Sarmiento, instituição de que era sócio efectivo desde o ano de 1905, e sócio honorário a partir de 1957, honrado então com essa categoria pelos valiosos serviços que a esta Colectividade prestou, contribuindo para o enriquecimento da Secção de Arte Moderna e Contemporânea, fundada em 1936 no Museu desta instituição cultural.

Pelo seu trato afável e conduta exemplar como cidadão e como chefe de família, foi um homem respeitado e apreciado pelos numerosos amigos que à sua volta criou. Como professor era querido dos seus alunos, alguns dos quais prestaram à sua memória, no primeiro aniversário da sua morte, uma comovente homenagem de saudade, no Cemitério de Guimarães, junto da campa rasa onde o Artista repousa, aí depondo, na lápide tumular, uma reprodução em bronze da sua paleta e pincéis de paisagista enamorado da luminosa cor do céu e da terra minhota, que ele tanto amou e soube interpretar nas suas telas.